



## **A linguagem como forma expressiva da experiência gnosiológica humana no pensamento de Giambattista Vico**

*Eduardo Leite Neto\**

**Resumo:** O intuito deste trabalho trata da argumentação e descrição do ideário linguístico proposto pelo filósofo moderno Giambattista Vico (1668-1744). Partindo de um cenário moderno, atrelado aos prognósticos racionalistas liderados sobretudo pela filosofia de Descartes e seus sucessores, onde o lógos como método se coloca entre a subjetividade e a racionalidade; se fez necessário, segundo o filósofo napolitano, examinar o empenho racionalista que considerava como “falsas verdades”, algumas produções humanas ao longo da história que se condensaram em disciplinas ou saberes, como, por exemplo, a filologia, poesia e a mitologia. Para Vico, nesses saberes, constam os momentos gnosiológicos que a humanidade atravessou em seu desenvolvimento, podendo contribuir para o conhecimento daquilo que o filósofo chamou de gênero humano. Neste sentido, a linguagem cumpre papel fundamental na gnosiologia humana; é a partir de sua agência que interioridade e exterioridade se ligam a fim de dar concretude à história e os feitos da humanidade. Dividiremos nosso texto em três partes. Primeiro, partiremos dos pressupostos da antropogênese de Vico, seus conceitos, características e elementos. Em seguida, descreveremos sua investigação filológica, ressaltando seu trabalho com a poesia, mitologia e história dentro de sua decodificação dos símbolos e significados. Por fim, concluiremos nosso trabalho com a descrição das três estruturas semióticas encontradas na filosofia da linguagem de Vico e sua relação com as onomatopeias dos primeiros povos da gentilidade.

**Palavras-chave:** Giambattista Vico; Filologia; Gnosiológica; Linguagem; *Scienza Nuova*.

---

\* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Participante Externo em Projeto de Extensão na Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: [eduardoneto886@gmail.com](mailto:eduardoneto886@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0722521281138954>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0732-7682>.

## **Il linguaggio come forma espressiva della esperienza gnoseologica umana nel pensiero di Giambattista Vico**

**Riassunto:** L'intenzione di questo lavoro si occupa della argomentazione e descrizione dell'ideario linguistico proposto dal filosofo moderno Giambattista Vico (1668-1744). Partendo del scenario moderno legato ai prognostici razionalisti guidati soprattutto dalla filosofia di Cartesio e suoi successori, dove il *lógos* come metodo se mette tra la soggettività e la razionalità; se ha fatto necessario secondo il filosofo napoletano, esaminare l'impegno razionalista che considerava come false verità, alcune produzioni umane al lungo della storia che se hanno condensato in discipline o saperi, come per esempio, filologia, poesia e la mitologia. Per Vico, in questi saperi contiene gli momenti gnoseologici che la umanità hanno attraversato nel suo svolgimento, potendo contribuire alla conoscenza daquello che il filosofo ha chiamato di genero umano. In questo senso, linguaggio compie il ruolo fondamentale nella gnoseologia umana; a partire della sua agenzia che interiorità ed esteriorità se collegano al fine di dare concretudine alla storia e ai fatti della umanità. Ripartiremo nostro testo in trè parti. Prima partiremo degli presupposti alla antropogenese di Vico, suoi concetti, caratteristiche ed elementi. In seguito dibatteremo la sua investigazione filologica, risaltando suo lavoro con la poesia, mitologia e storia, dentro della sua decodificazione degli simboli e significati. Alla fine concludiremo nostro testo con la descrizione delle trè strutture semiotiche trovate nella filosofia del linguaggio di Vico e la sua relazione con le onomatopée degli primi uomini della gentilità.

**Parole-chiave:** Giambattista Vico; Filologia; Gnosiologica; Linguaggio; *Scienza Nuova*.

### **Introdução**

A cativante reflexão viquiana sobre as origens das línguas e das letras na *Scienza nuova*<sup>1</sup>, nos demonstra a carga de importância que possui

---

<sup>1</sup> Para melhor referenciar o leitor, o lugar onde se encontra o “grosso” da reflexão viquiana sobre a linguagem na *Scienza Nuova* de 1744, consta no IV capítulo do II livro (intitulado *Della Sapienza Poetica*). É neste capítulo onde o filósofo napoletano desenvolve de forma

o falar humano, propriamente pelo fato que para o filósofo, *cognição* e *linguagem* estão sincronizados em sua origem e desenvolvimento. Dessa forma, o filósofo foi, segundo Jurgen Trabant, o primeiro filósofo que conjecturou a cognição do ponto de vista da linguagem, ou seja, que refletiu o ponto de convergência entre o “pensar” e a “expressão do pensar”, chamada pelo linguista alemão de *semiosi visiva*<sup>2</sup>.

Com efeito, é demasiado notório como Vico descreve sua tese em relação as origens do falar humano, desde os intercursos na obscura selva diante da sua primeira barbárie, a *Barbarie dei sensi*, progredindo à idade dos deuses, dos heróis, e chegando à idade dos homens. Diferente das teses linguísticas que despontaram nos séculos posteriores ao do filósofo napolitano (grande parte representada pela escola histórica alemã do século XIX, com Humboldt, Herder, dentre outros); a filosofia da linguagem de Vico não segue um modelo consequencial, isto é, aquela premissa de que primeiro nasceram os falares, em seguida, as escritas e por fim, a filosofia. De acordo com Renata Sammer, Vico entende que o falar e a possibilidade do pensar, nasceram “Juntos, simultâneos e indistinguíveis, em todas as línguas” (Sammer, 2018, p. 92).

Assim como foi o propósito de Vico, no *De antiquissima*, de uma genealogia da língua latina no intuito de compreender as várias mudanças na mente humana mediante o exercício filológico, e com isso, consolidando seu princípio do *Verum factum*; é a partir de sua segunda virada gnosiológica<sup>3</sup>, como destacou Benedetto Croce, que o filósofo se detém mais acerca da história do direito e da civilização. Desse modo, conduz detalhadamente na *Nuova Scienza* sua tese acerca da linguagem. Na leitura de Donatella Di Cesare, a relação entre *linguagem e história* em Vico traça um ponto fundamental na compreensão do pensamento do

---

minuciosa sua tese linguística, usando dos recursos etimológicos, gramáticos, históricos e mitológicos. Por certo, sua reflexão acerca dos nomes e línguas perpassa por todos os seus escritos; entretanto, é na *Scienza Nuova* onde encontramos o condensamento e entrelaçamento de suas ideias sobre o falar e pensar humano.

<sup>2</sup> Cf. Trabant, 2007, p. 43.

<sup>3</sup> Cf. Croce, 1922, p. 22-23.

filósofo; pois, o aparato linguístico composto na teoria viquiana, o conteúdo em relação a *mentalidade* e principalmente a *historicidade* dos povos, não poderia ser negligenciado pelos estudos viquianos, ou seja, a linguagem em Vico não é apenas um “exercício retórico” para descrever as etapas gnosiológicas da humanidade, mas prova das modificações da mente humana através dos tempos, da forma de percepção e sensação da realidade. É por essa razão que linguagem e história são na perspectiva viquiana o eixo central que dá à sua *Scienza Nuova* uma “cultura originalidade”.

Porque em Vico a reflexão sobre a linguagem não se desenvolve em consequência da sua reflexão sobre a história, mas, ao contrário, de um novo modo de entender a linguagem surge um novo modo de entender a história da humanidade. Aqui vai a originalidade da sua filosofia que, própria enquanto filosofia da linguagem, se pode propor uma “*Scienza Nuova*” (Di Cesare, 1993, p. 257).

O pensamento de Vico nos traz ao cerne de um debate proposto frente ao *racionalismo* evocado nos períodos entre o século XVII e XVIII. Sua reflexão consta, sobretudo, nas duas formas que os racionalistas (sobretudo os cartesianos) conceberam essa centralização do *logos*, em *racionalidade* e *interioridade*<sup>4</sup>. Desse modo, como observa Trabant, tendo Vico edificado em sua filosofia a fantasia como base à *racionalidade* e *corporeidade*, estabelece, a partir delas, o fundamento crítico da filosofia viquiana. Assim, essa interioridade do espírito humano é superada mediante linguagem, ou também pelas *semiosi*, pois, diante do signo, a interioridade e exterioridade não podem ser separadas. A questão de se empregar um termo tão importante às teses sobre as origens das línguas e das letras de Vico, como faz o linguista alemão em denominar essas teses linguísticas do filósofo, como sendo uma *sematologia vichiana*, apenas nos

---

<sup>4</sup> Cf. Lomonaco, 2017.

denota a importância dos estudos às produções linguísticas do pensador napolitano.

## I

A partir de duas palavras, *gramática* e *caracteres*, temos o ponto de ignição para a compreensão acerca da *antropogenese* proposta por Vico. Temos na primeira palavra *gramática* como “arte de falar” e que posteriormente derivada seria *γραμματα*, que são as letras; assim, significando como “arte de escrever” tal como Aristóteles a definiu em sua *Tópica*<sup>5</sup>, e conforme apresentada na *Scienza Nuova*, que todas as nações começaram a falar mediante a escrita, ou seja, hieróglifos (*Sn44*, §226), que são imagens que coincide com toda nação ter falado na sua primeira barbárie. De modo que nasceram “mudas”, como concorda o filósofo, assinalando às imagens e aos gestos articulados, o primeiro modo de falar. Posteriormente, temos *caracteres* que significa *ideias, formas e modelos* (*Sn44*, §429).

Nesse sentido, podemos perceber a importância dada às imagens pelo filósofo napolitano, sobretudo, no que diz respeito ao mito por essas formas representadas. Mítico, devido à associação que Vico faz entre as imagens, os hieróglifos, e as narrativas poéticas dos primeiros gentios. Essas narrativas, como consta na introdução do segundo livro da *Scienza Nuova*, sobre a *Sapienza poetica*, tendo sido as nações gentias originadas

---

<sup>5</sup> Aristóteles, ao depurar o valor do gênero às expressões nos tópicos do discurso, contesta ser necessário sempre utilizar da essência do objeto a qual será expresso na oração, de modo que fique claro a definição do objeto dito no discurso, é por isso que usa *γραμματα* como exemplo: “Veja-se, além disso, se, usando o termo definido em relação a muitas coisas, ele deixou de empregá-lo em relação a todas elas, como, por exemplo, se definiu ‘gramática’ como o ‘conhecimento de como escrever sob ditado’: pois devia dizer que é também o conhecimento de como se deve ler. Pois, ao apresentá-lo como o ‘conhecimento da escrita’, ele não a definiu melhor do que se tivesse dito que era o ‘conhecimento da leitura’: com efeito, nenhuma das duas definições consegue o seu fim, mas somente aquela que menciona ambas essas coisas, visto ser impossível haver mais de uma definição da mesma coisa” (*Tópica*, 1987, p. 162).

sob princípios fabulosos (*Sn44*, §202), atesta que os primeiros sábios da gentilidade, (dos quais os gregos são os representantes das antiguidades gentílicas) foram de poetas teólogos (*Sn44*, §199; §361; §365). O que, diante às suas produções, demonstram que a ordem de suas ideias, são procedentes mediante a ordem de suas criações (*Sn44*, §238; §241). Assim, frente a essas narrativas poéticas, chamadas *fábulas*, dão os elementos que compõem essa sabedoria poética dos primeiros gentios, tal como assinala Vico, formam as três espécies de teologias: a *teologia poética*, ou seja, aquela dos poetas teólogos, sendo ela a teologia civil dos primeiros gentios; a segunda, uma *teologia natural*, isto é, dos metafísicos e por último, a *teologia cristã*, sendo essa a mescla da civil e natural com o adendo da teologia revelada (judaico-cristã); possuindo nessas três a união pela contemplação da providência divina (*Sn44*, §366)<sup>6</sup>.

Religião e Direito, que para Vico representam as condições mesmas da civilização, por um lado, se dão apenas na linguagem e por isso encontram o próprio modelo originário, ou seja, são poetas por necessidade (*DU XIII*, 20). Como a religião nasce através do nome de Deus (*SN* §§ 9, 375-376), assim “os povos se fundaram com as leis e as leis juntamente a todos foram em versos ditados” (*SN* § 470). E este enraizamento da religião e do direito na linguagem se explica observando não tanto à dimensão intersubjetiva, que faz a base do surgir da sociedade humana, quanto mais à dimensão poética, porque a

---

<sup>6</sup> Cabe aqui ressaltar que essas três espécies de teologias, o filósofo napolitano modela a partir de sua leitura do filósofo latino Varrão; em que descreve (como se lê no parágrafo da *Sn44* supracitado), que o filósofo latino enumera a terceira teologia como sendo *poética*, sendo ela entre os gentios, a mesma que a teologia civil. Nesse sentido, Vico a recorta e introduz a *teologia cristã*, com a finalidade de demonstrar a coordenação da providência divina do Deus judaico-cristão nas modelações das nações gentias. Assim, também o significado de tal recorte está atrelado na observação das premissas de Varrão e de uma corrente entres os antigos, de buscarem identificar nas fábulas e nos mitos, um *quid* oculto de uma sabedoria filosófica; o que Francis Bacon tentou explicar em sua *Sabedoria dos Antigos*, e que Vico no livro terceiro da *Scienza Nuova*, sobre o verdadeiro Homero, explora minuciosamente.

linguagem parece revelar-se antes forma e modelo de todo fazer humano (Di Cesare, 1993, p. 260).

Por conseguinte, tal sabedoria poética estaria organizada sob uma metafísica, ou seja, essa sabedoria dos primeiros gentios, sendo fabulosas, é denominada como uma *metafísica poética*. Frente a uma recolha de provas acerca dos princípios da gentilidade, não externa, mas internamente, isto é, dentro das várias modificações da mente humana, porquanto se busca os princípios que possibilitaram a formação deste mundo dos seres humanos, ou seja, o mundo civil. De modo que nestes dados comprobatórios destes ditos princípios, possa observar, o alto grau de *pathos* nas manifestações mentais do início da gentilidade (*Sn44*, §363).

Assim, a sabedoria poética, sendo a primeira sabedoria da gentilidade, teve seu início de modo metafísico; entretanto, não uma metafísica “refletida” tal como a conhecemos (no sentido aristotélico e de toda a tradição que se sucedeu a partir dela), mas uma metafísica sentida e imaginada, isto é, diante os sentidos de uma mente vigorosa e fantástica, ainda sem nenhum raciocínio reflexivo desenvolvido. Portanto, essa poesia começou divina, devido ao fato dos primeiros gentios, tomarem as coisas que viam ou sentiam, como deuses e divindades (*Sn44*, §184; §185; §189).

Frente a essa metafísica poética, configurada no observar a mentalidade fantasiosa e imaginativa dos primeiros gentios, Vico articula, assim, uma *lógica poética*. E tal lógica, reflete a decodificação aos significados das atribuições conferidas em face dos produtos da gênese gentilesca, ou seja, enquanto a metafísica poética abarca toda mentalidade fantasiosa dos primeiros gentios, a lógica poética baseia-se em significar os elementos poéticos contidos nas poesias; de modo que para a metafísica poética, o meditar a realidade, se voltava ao imaginário dos poetas teólogos em perceber nos corpos e nas manifestações da natureza como sendo seres divinos, e essa lógica poética tende a significar as descrições contidas nessas meditações. Portanto, é partir da etimologia presente na palavra *lógica* que se tem o elemento constituinte da argumentação viquiana sobre a linguagem:

*Lógica* provém da palavra λόγος, que primeiro e propriamente significou *fábula* que se transpôs para o italiano *favella* – e a fábula dos Gregos foi dita também μῦθος, donde provem para os Latinos *mutus*, –, a qual, nos tempos mudos nasceu mental, pois num trecho de ouro diz Estrabão ter existido antes do vocal, ou seja, da articulada: donde λόγος significa tanto *ideia* quanto *palavra* (Sn44, §401).

Com efeito, o *lógos* preconizado por Vico, vem para elucidar os elementos de linguagem acerca das *genera significandi* das narrativas da primeira gentilidade; de modo que esse início mudo da linguagem, como mencionamos parágrafos acima, começado mediante atos ou gestos, ou objetos, a fim de que estipulassem uma relação natural com as ideias, teve no *lógos*, o mesmo que *verbum* (Sn44, §224-227). Seguindo esse argumento, o μῦθος fora concebido pelos primeiros gentios como sendo uma *vera narratio*, um falar verdadeiro que utilizava de todas as narrativas das fábulas mitológicas, como sendo fatos verossímeis acerca da cultura que as narrava.

Portanto, o primeiro falar, sendo representados pelos poetas teólogos, não fora um falar baseado na *onomathesia* judaico-cristã, da imposição dos nomes segundo a natureza respectiva das criações nomeadas, mas sim, um falar fantástico, mediante substâncias animadas, imaginadas a partir das sensações destes primeiros gentios<sup>7</sup>. Esse caráter

---

<sup>7</sup> Sir Isaiah Berlin, em seu livro *Vico e Herder*, ao abordar as questões acerca dos signos e símbolos que permeiam a linguagem humana, utiliza do termo “autoexpressão” para denominar a percepção sensível dos primeiros gentios da filosofia da linguagem viquiana; de modo que essa autoexpressão não está imbuída de uma secreta sabedoria, ou um princípio de enganação para as gerações futuras, mas simplesmente um “meio” através das simbologias nas línguas e nos sinais, de se fazer entender o desejo de compreensão entre os seus falantes. E como bem pontua o filósofo anglo-eslavo: “Os homens expressam seus sentimentos, atitudes e pensamentos através de símbolos. Esses símbolos constituem meios de autoexpressão; eles não são forjados com o propósito de enganar ou entreter as gerações futuras; consequentemente, são uma evidência confiável das mentes e perspectivas que vinculam, desde que saibamos interpretá-las. A linguagem não é uma invenção deliberada dos homens que pensam e então procuram meios para articular seus pensamentos. As ideias e os símbolos, mediante os quais são expressados, não são separáveis, nem mesmo na imaginação. Nós não só falamos e escrevemos por símbolos, mas também pensamos, e

imaginário nos transparece o sentido de uma mentalidade, uma *ideia*, fixada nas atribuições destes primeiros povos, como uma “racionalidade primitiva”. O que nas palavras de Trabant, podemos compreender melhor:

A série *lógos*, *fábula*, *favella* (fala), *mythos*, *mutus*, *ideia*, *palavra*, faz imergir na expressão *lógos* sobretudo os aspectos de “fábula”, “língua”, “mito”, “mudo”. O termo “mudo” vem de outra forma definido mais precisamente “mental” e como “não vocal, não articulado”. A definição “mental” parece, todavia, significar ora que o *lógos*, este mito mudo, em origem não há nenhuma materialidade física, nenhuma exterioridade, mas que ao princípio, se encontra a partir da mente (Trabant, 2007, p. 45).

Nesta observação trazida por Trabant, demonstra o grau de importância a que devemos nos atentar, em não apenas levar o *lógos* viquiano como sendo um aparato mental e “mudo” dos primeiros povos. É preciso considerar que Vico procurava reformular a lógica como um estudo baseado nas *genera significandi*, como uma ciência das imagens e sinais que proporcionam aos seres humanos, uma mentalidade, seja em qual tempo histórico que estejamos, uma *sematologia*. Assim, sendo o *lógos* evocado ao aspecto de *favella*, não estaria posto entre mente e corpo, como consta em (*Sn44*, §1.045), e estaria frente à tradicional e difusa opinião, do *lógos* ser apenas mente, enquanto *lógica*, um questionar-se acerca do pensamento (interior).

É nesta perspectiva que identificamos esse caráter reformulador de Vico, pois, como acentua Trabant: “A este ponto, são de ajuda os outros termos citados, *ideia* e *palavra*: o ‘não vocal’, ‘mental’, ou ‘mudo’ que precede o *vocal*, é a *ideia*” (Trabant, 2007, p. 45). Desse modo, evocar a *ideia* e com isso, sua etimologia, nos constando como sendo uma

---

somente podemos pensar, usando símbolos, sejam eles palavras ou imagens; as duas maneiras são uma só. Das palavras e da forma que são usadas podemos inferir os processos mentais, as atitudes e perspectivas dos seus usuários, porque as ‘mentes’ (*ingenia*) são formadas pelo caráter da linguagem, e não esta pelo caráter daqueles que a usam” (Berlin, 1982, p. 50-51).

mediadora entre o físico e o mental, e assim, podendo notar como uma mesma raiz etimológica, a *ideia* e o *ver*. Neste sentido, a *ideia* seria o mesmo que *ver*, isto é, o apreender à mente ao que é visto, às *imagens* que se cultuam também, ante a visão dos corpos.

Portanto, ao identificar que a etimologia da *palavra* (*parola*), remonta às fábulas ou os mitos, isso que também às parábolas se enquadram, tendo no verbo *falar* (*parlare*), tem para Vico o mesmo que “se voltar ao outro”, “comunicar”. Não obstante, essa identificação em tal interpretação etimológica da lógica por Vico, englobada pelos aspectos relacionados a ela (a fábula, mito, fala, palavra), observado nas palavras, isto é, no comunicar; possui o bojo de sentido à materialidade dos objetos, e sendo algo visível, as *palavras reais* (*parole reali*), que são os símbolos, as imagens, em vista às *voci*, que são as *palavras faladas* (*parole sonore*).

As *palavras* (*parole*) são neutras porquanto dizem respeito a sua materialidade: podem ser algo de visual, por exemplo, objetos já dados a que Vico chama *palavras reais* (*parole reali*), mas naturalmente podem também ser sinais “vocais”. As palavras com som, as palavras em sentido estrito, Vico as chamam de *voci* (palavras faladas). Porém, as *palavras* não podem ser “puramente mentais”, mas devem ter uma materialidade definida, uma vez que são dirigidas aos outros. Se o *lógos* é tanto *ideia*, quanto *palavra*, devem possuir *materialidade*, *exterioridade*, já que os homens não são anjos (Trabant, 2007, p. 45-46).

## II

Definido o quadro conceitual dos elementos constituintes da filosofia da linguagem de Vico, passemos à *investigação filológica*, que complementa o quadro teórico que expusemos parágrafos acima. Estabelecemo-nos, portanto, nas dignidades filológicas propostas por Vico. Dignidades essas que retratam a história das três línguas, retiradas pelo pensador napolitano das interpretações dos egípcios e modeladas por

Heródoto e Varrão (*Sn44*, §32; §52), que explicam a forma *diacrônica* que podemos entender acerca da *fala* humana. Essas três línguas, estão imbuídas na construção histórica do filósofo napolitano, a idade divina, heroica e humana. De modo que sobre essas idades observa-se o transcorrer do desenvolvimento da linguagem, sobretudo em seus dois princípios de construção: a *escrita* e a *cognição*.

Chegaram até nós também dois grandes fragmentos da antiguidade egípcia, que foram acima observados. Um dos quais é que os Egípcios reduziram todo o tempo do mundo transcorrido antes deles a três idades, que foram: idade dos deuses, dos heróis e idade dos homens. O outro, que durante todas estas três idades teriam sido faladas três línguas, pela ordem correspondente às ditas três idades, que foram: a língua hieroglífica, ou seja, sagrada; a língua simbólica ou por semelhanças, como o é a língua heroica; e a epistolar, ou seja, vulgar dos homens, por signos convencionados para comunicar as necessidades vulgares da vida (*Sn44*, §173).

Devido a essa linguagem que se diferencia em cada idade do modelo histórico viquiano, com toda sua específica organização política, há três diversas estruturas semióticas, como assinala Trabant; com isso, demarca os pontos entre os *significantes* e *significados*, compostos no horizonte dos *sinais* de cada modo de linguagem nas três idades. Passemos, então, às descrições sematológicas na tríade temporal da linguagem viquiana.

Por conseguinte, Vico identifica em dois trechos de Homero, na *Iliada*, relatos que corroboram com sua formulação a respeito das *três línguas*. No primeiro relato, seria uma exposição indireta de Homero em relação à longevidade do herói Nestor, em que este teria vivenciado “Três vidas” de homens de várias línguas, isto é, de três gerações de falantes ou mortais (Hom., *Il.*, canto I, v. 246-252). O que o filósofo observa, mediante esse relato, é que Nestor poderia ter sido um caráter heroico daquela cronologia constituída pelos egípcios e passada aos gregos. Vendo que

“Viver os anos de Nestor” deve ter o mesmo significado que “Viver os anos do mundo” (*Sn44*, §432).

O segundo relato está no trecho que Eneias conta a Aquiles sobre sua genealogia, desde a origem de Dárdano até seu nascimento, focando quando homens se mudaram para Ilíon, depois de Troia ter sido transferida para a orla marítima e Pérgamo se tornando a cidadela (*Hom., Il.*, canto XX, v. 215-242). Esse trecho, sob a visão de Vico, nos expõe uma gênese de falares e de leis<sup>8</sup>, tendo na figura narrada “homens”, o corpo figurativo para a organização da sociedade dos trôades da qual Eneias pertencia, representando assim, como se organizavam os primeiros gentios.

Ao observarmos que a primeira língua fora um “falar divino”, falado pelos primeiros gentios e pensada pelos *poetas teólogos* mediante universais fantásticos ou caracteres poéticos (*Sn44*, §199), de modo que as primeiras nações gentias tiveram seu Júpiter e seu Hércules, tendo seus inícios fabulosos, e assim, nascidas poéticas (*Sn44*, §196; §200). Ademais, como nos adverte Vico, a idade dos deuses sendo anterior à idade dos heróis, identifica em mais trechos dos épicos homéricos, uma língua anterior à língua da qual está inserido Homero (a língua heroica), denominando-a, como “língua dos deuses” (*Sn44*, §437). O primeiro é identificado na *Iliada* com a palavra *Briareu*, dita pelos deuses, e *Egéon* dita pelos homens (*Hom., Il.*, canto I, v. 400-407). O segundo em que se refere a um pássaro que os deuses o chamam de *χαλκίδα*, e os homens o chamam de *κρίμινδι* (*Hom., Il.*, canto XIX, v.291). O terceiro onde um rio de Tróia no qual os deuses o chamam *Xanto* e os homens o chamam de *Escamandro* (*Hom., Il.*, canto XX, v. 72-75).

Já na *Odisseia*, Vico identifica apenas dois trechos; um a que os deuses chamam *πλαγκτάς πέτρας* e os homens dizem *Cila e Caribidis* (*Hom., Od.*, canto XII, v.61). O outro trecho se passa quando Hermes entrega a Odisseu um fármaco contra o feitiço de Circe, chamado pelos deuses de *moly* (*Hom., Od.*, canto X, v. 277-305). Assim, utilizando destes relatos, sobretudo para reforçar seu argumento acerca dos falares divinos,

---

<sup>8</sup> Cf. *Sn44*, §66.

como a primeira língua da idade dos deuses, Vico deixa claro seu intento de construção de uma metaforologia que engloba os caracteres poéticos, o que de acordo com Sammer,

[...] após discorrer sobre as metáforas antropomórficas fundadoras da cultura, Vico dá início à concreção formal de sua teoria dos caracteres poéticos. Desse modo, ele estabelece gradativamente o método de sua topologia. Ao apresentar a tese de que pensamento e linguagem surgem juntos, para então desenvolvê-la, demonstrando o distanciamento gradativo de ambos, Vico aproxima sua teoria da metáfora de uma teoria do signo (Sammer, 2018, p. 92-93).

Como podemos notar, esse aspecto da língua divina em ser uma linguagem imagética, voltada para os sinais, as *semioses visuais*, atende aos desígnios da aproximação viquiana à teoria dos signos. Assim, esses significantes, como bem observamos acima, nos traz à luz a materialidade existente nesta língua divina, ou seja, os *acenos* (*cenni* ou *atti*, como se observa ao longo da *Scienza Nuova*) representam muitas das vezes *corpos*, que carregam esse papel de “significantes visíveis”. Desse modo, esses corpos, como sendo as primeiras palavras em estrito, na idade dos deuses, estão no mundo como animais, árvores, córregos, pedras, rios. Tornando-se assim, os significantes, as *palavras reais*, os *acenos*, *gestos*, ou *atos*, demonstrativos que os seres humanos produziram com o movimento dos corpos (Trabant, 2007, p. 48).

Um exemplo interessante que Vico nos traz em relação às *palavras reais*, que une a linguagem divina das imagens e os gestos, está situado a partir do relato histórico atravessado até os tempos do filósofo napolitano, acerca dos Citas (*Sn44*, §48; §56; §99). Em que seu rei Idantirso, quando se preparava com suas tropas, para guerrear contra Dario I, dito o grande, respondeu ao rei Aquemênida, o qual lhe declarou guerra, com cinco palavras reais.

Essas palavras são: uma rã, um rato, um pássaro, um dente de arado e um arco de assestar. A rã tinha o significado que ele (Idantirso), tal

como as rãs que saem da terra nos climas úmidos, ele era filho daquela terra. O rato significava que assim como ele, tendo o rato feito ninho na terra para viver, ele fundou seu povo. O pássaro possuía um significado religioso, eram os auspícios<sup>9</sup>, ou seja, o rei não era submetido a nenhum homem, apenas aos deuses. Ao arado temos um significado rural, onde era exposto ele ter feito das terras da Cítia cultiváveis e então tê-las tomado pela força. E por último, o arco de assestar, que significa ele ter um vasto império com grande poderio militar, tendo ele a missão de defender seu império (*Sn44*, §435). Com esse exemplo, podemos compreender essa relação das *palavras reais* que englobam toda essa articulação dos *corpos* e dos *gestos* como significantes. De modo que demonstra um pouco do funcionamento desses primeiros falares humanos, inclusive quando menciona a questão dos auspícios, que fora a primeira sabedoria da gentilidade.

Passando para a segunda coluna das estruturas semióticas nas três línguas inseridas no modelo viquiano das três idades, chegamos ao segundo falar dos povos, correspondente à idade dos heróis, ou seja, uma linguagem falada por *símbolos*; o que segundo Vico, talvez reduzidas às divisas heroicas, isto é, às semelhanças mudas, tal como Homero designa os signos com que escreviam os heróis, *σήματα*. Esses signos deviam ter sua morfologia por meio de metáforas, imagens, ou semelhanças, e depois com o advento da língua articulada se fez instrumento do falar poético (*Sn44*, §438).

Assim como a língua heroica é estabelecida dentre os seus símbolos e semelhanças, nos serviremos de alguns exemplos desta linguagem simbólica, sobretudo nas nomenclaturas heroicas, que traçam a antropologia presente na segunda idade viquiana, a respeito do uso da *força*<sup>10</sup> no seguimento da vida em conjunto dos personagens da idade heroica. Segue-se que entre os gregos, os *nomes* teriam o mesmo

---

<sup>9</sup> Cf. *Sn44*, §381.

<sup>10</sup> Cf. *Sn44*, §636; §667; §708.

significado que *caracteres*<sup>11</sup>; donde o filósofo napolitano evoca o mote de um dos patronos da igreja, o Pseudo Dionísio Areopagita, com o seu *Περί Θεῖον ὀνομάτων*, isto é, acerca dos “nomes divinos”, em que encontrou várias nomenclaturas atribuídas a Deus na bíblia, dando ao mártir religioso o reconhecimento do divino por suas características naturais. Com isso, sucedeu à teologia católica duas expressões quando refletem *de divinis characteribus* “sobre os caracteres divinos” e *de divinis nominibus* “sobre os nomes divinos”.

Desse modo, *nomen* e *definitio* possuem o mesmo significado, o que no estudo da retórica eclesiástica, se diz *quaestio nominis* “questão nominal ou nome em questão”, de modo que se busca uma definição do fato ao orador que prepara seu discurso. Para os romanos os *nomes* tinham o significado primeiramente de “Casas ramificadas em muitas famílias”, ou seja, o *nomen* deveria referenciar à *gênese* cujo indivíduo fizesse parte (*Sn44*, §483). Os nomes referenciados às suas famílias, eram já presentes entre gregos que utilizavam dos *patronímicos*, que tem o significado de *nomes dos pais*, que Homero muito descreve quando menciona sobre a figura de “Aquiles Pelida” (pelida, filho de Peleu), ou “Odiseu Laércio” (filho de Laerte); patronímicos esses que se perderam na liberdade popular da Grécia, isto é, na formação da *politeia* helênica.

No direito romano, *nomen* tem o significado de *direito* (como coisas civis; ou direito de crédito, ou de devedor do estado). Devido a sua

---

<sup>11</sup> Os *caracteres* são um recurso terminológico que Vico utiliza para demonstrar a linguagem desenvolvida pelos primeiros gentios, de modo que sejam uma referência imagética à temporalidade citada, seja a idade dos deuses, heróis ou dos homens. O que denota, por exemplo, aos *caracteres poéticos*, como uma estação mental que uniformemente descreve cada período humano por suas sensações, virtudes, vícios etc. Por isso, o filósofo usa deste recurso, como mostra o linguista alemão: “O verbo grego *charássein*, que é a base de *caractere*, indica o incidir assim como *graphein*, o termo grego corrente para desenhar ou ‘escrever’. Os caracteres poéticos são, segundo sua etimologia, imagens ‘escritas’, desenhadas pelos primeiros homens. Naturalmente são também, *mythos*, fábula. Vico recorre a inteira gama semântica da expressão ‘*caractere*’. Ele mesmo se refere, por exemplo, aos caracteres da comédia grega e depois aos *charakteres ethikoi*” (Trabant, 2007, p. 56).

semelhança entre os gregos, a palavra *vóμος* significa *lei*, e dessa palavra deriva-se em *vόμισμα*, que quer dizer *moeda*; para os etimologistas, sua definição de *vόμος* venha para os latinos como *nummus*<sup>12</sup>. Com efeito, sendo o *nomen*, em igual proporção semântica, ao *direito*, há aqui, uma relação “uniforme”, como evoca o filósofo; em que para os latinos, *ius*, o direito e as gorduras das *vítimas* em ofertas a Júpiter (ou seja, os molhos dos pratos em sacrifício a divindade latina), que a princípio denominou-se *Ious*, posteriormente derivaram-se os genitivos *Iouvis* e *iuris*. Tal questão, nos demonstra que o direito latino tenha se iniciado de forma de divina; como observamos nas *semioses* da primeira língua da gentilidade, em que *ius*, em seguida, *Ious* devido à uniformidade mental dos primeiros latinos, frente a adivinhação, que fora a ciência dos auspícios de Júpiter, com que regulavam todos os seus modos de vida, constituiu-se a uma jurisprudência às divindades e aos homens.

E, assim, começamos a refletir sobre o direito natural a partir da ideia dessa providência divina, com a qual nasce congênita a ideia de direito; o qual, como há pouco se meditou a causa, começou naturalmente a ser observado a partir dos príncipes das gentes propriamente dita e da espécie mais antiga, as quais chamaram “gentes maiores”, das quais Júpiter foi o primeiro deus (*Sn44*, §398).<sup>13</sup>

A palavra *praedia* (fazendas) chamada pelos latinos, que fora denominada aos primeiros estamentos rústicos diferentes dos urbanos, sendo essas primeiras terras na qual iniciara o cultivo agrícola, foram os primeiros prédios do mundo. Sendo assim, o primeiro domínio como *propriedade* que denominado pelo antigo direito romano como *manuceptae* (provendo dessa *manceps* a obrigação do erário em bens imóveis); tornando-se leis de *iura praediorum* (direito de divisa ou leis de

---

<sup>12</sup> Cf. *Sn44*, §489.

<sup>13</sup> Conferir também *Sn44*, §316 e §317.

divisa) para servidões consideradas *reais*, ou seja, *servitutes praediorum*, que se consolidaram em bens imóveis. Essas propriedades denominadas *manucaeptae* devem ter sido denominadas *mancipia* partindo da lei das XII Tábuas romanas, segundo Vico, no ponto *qui nexum faciet mancipiumque* (quem fizer a entrega do vínculo, também com aquela entregará o poder); uma formalidade jurídica atestada via a lei Petélia, fazendo os servos que antes serviam por meio de um débito, a servirem por toda sua vida mediante uma “Prisão privada” (*Sn44*, §433; §115).

Semelhante aos latinos, na barbárie regressada (equivalente à Idade Média europeia), como concorda Vico em relação aos *corsi e ricorsi* da História (*Sn44*, §1.046, §1.047, §1.048), os italianos chamaram *potere*, significando aos seus bens uma aquisição pela força. Diante essa similitude, o filósofo atesta que ante os escribas e notários medievais, denominaram *presas terrarum* seus campos com seus termos. Já os espanhóis chamam *prendas* as divisas fortes, isto é, às coisas dadas como penhor. Para os italianos era denominada *imprese* as armas dos nobres e dizem *termini* para os significados das palavras e às armas nobres chamam igualmente *insegne*, donde provém o mesmo verbo *insegnare* (*Sn44*, §486)<sup>14</sup>.

Em seus escritos a respeito das desenvolturas de Vico em relação à heráldica heroica, Andrea Battistini<sup>15</sup> nos regala com uma importante exegese acerca de tal questão. Quando nos relembra o empenho do filósofo napolitano em suscitar uma explicação voltada à *dippintura*, acerca da

---

<sup>14</sup> As *imprese eroiche*, os emblemas ou as armas dos nobres, isto é, dos heróis da segunda idade viquiana, representam os sinais de uma idade que se baseava pelo direito natural da força, do poder da conquistista, muito marcada nas personagens homéricas. O que aparece também, na barbárie regressada, com as descrições heráldicas dos nobres em relação a suas famílias, seus brasões e suas insígnias. Desse modo, nas palavras de Trabant: “Com as *imprese eroiche*, uma expressão heráldica, Vico desenha como os sinais da segunda época, sobretudo nas figuras impressas sob escudos e outras armas dos heróis, os quais aparecem descritos com grande precisão nos poemas homéricos. Também as *imprese eroiche* são estruturas semióticas visíveis; para isso Vico evoca também a expressão *sémata*” (Trabant, 2007, p. 48).

<sup>15</sup> BATTISTINI, Andrea. *Vico tra antichi e moderni*. Il Mulino editrice. Bologna, 2004.

bolsa sob o feixe de armas, ao lado da balança e do caduceu, como sinais que representam a formação do dinheiro tal como conhecemos, isto é, as moedas; sustenta que as moedas foram introduzidas tardiamente, pois, como consta nos épicos homéricos, não havia descrição em relação à moeda cunhada, demonstrando que estas moedas surgiram com os impérios civis já consolidados, e representando a marca heroica das armas nobres nas superfícies das moedas.

Frente a essas questões, Vico expõe a origem dos emblemas públicos, dos brasões, medalhas e das insígnias militares, donde proveio a palavra muda da disciplina militar, de modo que estes emblemas e insígnias, provieram mediante às armas nobres, ante a razão e o direito heroico. Portanto, com essa trajetória destes sinais heroicos e suas representações, o filósofo descreve-as como conectadas às *scienze dei blasoni* e às *scienze delle medaglie* (*Sn44*, §28). Battistini acrescenta que os brasões e as medalhas, e toda lógica envolta nas suas partituras, representam um “lugar” para a descrição do fundamento às outras duas condições do nascimento único e simultâneo da língua e da escrita (Battistini, 2004, p. 134).

Com efeito, ao observarmos ainda na *dippintura* a carga conceitual e descritiva com que o filósofo acentua para a ocorrência de três línguas correspondentes a três espécies de natureza e governos, que compõem a *Nuova Scienza*; assim como descrevemos parágrafos acima serem essas línguas, divina, heroica e humana (mediante as palavras convencionadas, isto é, *epistolares*). Visto que nos seus transcurtos, sobretudo na linguagem divina e heroica, há um aporte sematológico (*Sn44*, §32), correspondendo à afirmação de que o par linguístico *lingua-escrita*, nasceu de forma simultânea e caminharam juntas, “a par”; contrariando as teses justapostas tanto por filólogos quanto filósofos do nascimento gradual entre o falar e o escrever<sup>16</sup> (*Sn44*, §33). Assim, feito essa descrição da questão dos sinais heroicos, Vico segue uma tradição dos estudos das heráldicas

---

<sup>16</sup> Cf. Trabant, 2007, p. 51-52.

nobiliárquicas, que demonstram uma linguagem muda ligada a uma marca gráfica, no encaço de exprimir uma ideia pertencente a um dicionário mental comum a todas as nações.

O emblema é precisamente uma linguagem muda confiada a um sinal gráfico que, por ser legado com “relações naturais” à ideia que deseja significar, pertence a um léxico universal comum a todas as gentes. Não se pode excluir que a insistência sobre a própria teoria dos emblemas derivasse em parte pelas razões também oportunistas: a matéria era ainda no *Setecentos* de vivíssima atualidade, sobretudo nos cenáculos das academias literárias que, em muitos casos, faziam pesquisa de uma figura emblemática e de um nome coletivo e individual a sua única razão de existir (Battistini, 2004, p. 134).

Portanto, frente a essa passagem acerca das *semioses* da segunda língua viquiana, podemos perceber que a lógica inserida na *scienza delle imprese*, reveste, como pontua Battistini, na economia da semiótica e antropologia viquiana, de modo que as centralizam como função primária no elencar em última instância, às tratativas “genéticas” ao longo de toda busca na *Scienza Nuova*. Nesse sentido, pauta-se dentro de uma relação natural frente aos princípios da gentilidade, na dialética dos tempos mediante as relações e modificações entre os indivíduos (*Sn44*, §147-§148)<sup>17</sup>.

Por conseguinte, são essas relações naturais, tendo o pensamento primitivo a força criadora de imagens como resultado das sensações percebidas, que denotam às várias semioses nas idades divina e heroica,

---

<sup>17</sup> “A linguagem entra por assim dizer, na história e, no mesmo instante, a história vêm desdobrando o próprio curso. A descoberta da história é neste sentido incluída naquele (processo) da linguagem. Deve-se pensar nessa introdução do critério genético na interpretação das coisas humanas, baseado sobre o postulado que identifica ‘natureza’ e ‘nascimento’ destes (*Sn44*, §§147, 148) seja sugerida imediatamente pela linguagem, da observação que o seu ser entregou sempre nos ‘modos’ do seu devir” (Di Cesare, 1993, p. 258).

sobretudo na heroica, como momento em que as imagens passam a manifestar um *direito* e um *poder* sobre os objetos conquistados pela força, pois, “[...] a língua heroica, se refere ao poder [...] Vico chama essa língua ‘simbólica’ de língua armada. Ela é armada seja pelo fato que as armas são transportadoras de sinais, seja porque estes sinais são essas mesmas armas que garantem o poder” (Trabant, 2007, p. 48-49). Desse modo, há uma mudança circunstancial na mentalidade dos primeiros gentios, como bem acrescenta Battistini:

Quando o pensamento primitivo cristaliza em imagens as próprias sensações, designando estavelmente o direito de propriedade, reivindicado com um hieroglífico gravado em termos divisores dos campos e reproduzível sob todos os objetos possuídos por um mesmo clã familiar, advém para a humanidade a passagem de um estado de natureza a um estado de cultura. O emblema heroico dá estabilidade a uma existência, por um lado, sujeita a um fluxo de impressões que se cancelam umas às outras, com “importantíssimas consequências”, como diz Vico, “acerca da ciência do direito natural das gentes” (Battistini, 2004, p. 135).

### III

Chegamos, por fim, na terceira e última coluna das estruturas semióticas que compõem a linguagem nas três idades viquiana. Discutiremos, portanto, em relação à terceira língua, a chamada língua *epistolar*. Essa terceira língua está atrelada ao desejo de expressar o cotidiano comum dos “afastados”, ou seja, para estreitar a distância em que estivesse um povo do outro, pois, ante essa idade, muitos povos já estavam em pleno período mercantil, como os gregos e os fenícios (*Sn44*, §439). Assim, como elucida Trabant, tudo indica que essa linguagem, na idade racional viquiana, parece narrar uma passagem medial do visível ao fônico e auditivo. Ao passo que, como acentua Vico, esse falar tenha provindo de

uma convenção dos povos, corroborando a uma passagem semiótica do natural e imitativo ao arbitrário e não imitativo.

Apenas a terceira língua, a língua humana, é linguagem corrente, *ordinary language*, feito que Vico evoca quando afirma que esta língua serve “para os usos vulgares da sua vida” (32). Também neste caso parece que a passagem à última língua, implica um salto verdadeiramente importante dos específicos “âmbitos do discurso” à totalidade e universalidade das “normais” necessidades da vida (Trabant, 2007, p. 49).

O filósofo descreve como sendo a terceira língua “Para os usos vulgares da sua vida”, no sentido de estender a sua prática a todos aqueles personagens inseridos nessa idade racional, ou seja, a língua vulgar e as letras vulgares; são a gramática da “organização” do falar e o alfabeto da “estrutura” de escrever (*Sn44*, §440; §442). Ademais, acrescenta que essa língua chamada vulgar fora fundada pelo vulgo, que seriam as plebes dos povos heroicos; aos latinos, os vulgos com os seus falares, eram assim chamados de *vernaculae*, ao que os gramáticos latinos chamavam de *vernae*. Esses vulgos com seu significado estavam execrados na nomeação aos “Servos que nasciam nas casas dos escravos que eram feitos nas guerras”, que a partir do convívio com seus senhores, aprendiam suas línguas e seus costumes (*Sn44*, §443). Para além desta comprovação, Vico ressalva que os primeiros vulgos em sua definição *vernae*, foram os ditos fâmulos dos heróis no período das famílias, que tempos depois formaram os vulgos dos primeiros plebeus das cidades heroicas (*Sn44*, §556).

Com efeito, sendo os falares vulgares formados mediante a convenção de cada povo, pois, sendo suas origens naturais, a sua significação deve ter seguido um fluxo natural, ou seja, as línguas vulgares derivaram-se das línguas poéticas; as quais são expressas a partir de seus corpos, compondo imagens, sendo resultado do uso da imaginação

(*fantasia*)<sup>18</sup>. Visto que a maioria das palavras conhecidas se formaram mediante transliterações ou metáforas, por sons ou propriedades naturais, Vico nos demonstra ser a metáfora a constituir parte do corpo das várias línguas das nações gentias (*Sn44*, §444). Entretanto, o filósofo nos chama atenção a dada divergência ulterior entre sua tese linguística, que engloba a metáfora como *ente* dos falares humanos, e as tendências em colocar os falares articulados como convencionados por pacto; de modo que seguiram as descrições aristotélicas acerca da linguagem na *Poética*<sup>19</sup>, deixando de considerar o que Platão reflete acerca do falar natural, isto é, envolvido nos signos e nas imagens, descritas no seu diálogo sobre a formação e correção da linguagem, no *Crátilo*<sup>20</sup>.

O “salto dramático” descrito por Trabant em relação à terceira língua viquiana, a língua humana, evidencia o intuito do filósofo napolitano em demonstrar que a linguagem humana do cotidiano, aquela usada diariamente, o coloquial e popular, o fônico daquela “arbitrariedade”, fora construído por *falas (voci)*, ou seja, que há um passado de signos, dos gestos visíveis, das iconicidades, corpos, da *sémata* homérica das línguas divinas e heroicas que operam em conjunto a essa língua humana da terceira idade. Tal como enunciamos no início deste tópico, o caminho da linguagem está atrelado ao caminho do pensamento, ambos desenvolvimentos são coetâneos, por isso, há uma reciprocidade ante as línguas divinas e heroicas, de modo que se derivam na língua humana com os seus devidos resquícios.

[...] De fato, é a permanência da língua muda na linguagem moderna que fará da interpretação (*interpatrio*) uma jornada rumo ao “pá!” inicial e,

---

<sup>18</sup> Cf. Sammer, 2018, p. 100.

<sup>19</sup> Segundo Aristóteles a linguagem está imbuída numa ordenação lógica, própria já dos desdobramentos da sua *Tópica* em relação aos “lugares e formas” do discurso. Sendo assim, para o filósofo grego, “São as seguintes as partes da linguagem: letra, sílaba, conectivo, articulação, nome, verbo, artigo, flexão e frase” (Arist., *Poet.*, 2004, p. 61).

<sup>20</sup>Cf. 425 d e 438 d.

portanto, à imagem de Jove, reunidos em um mesmo esquema. Esses primeiros sons, gestos e imagens dão origem à “língua muda” e aos “caracteres divinos” [...] As letras (*grammata*), os desenhos e as figuras do “falar escrevendo” são os sinais do corpo que se inscrevem no espaço, sobre ele agindo e simultaneamente sofrendo suas ações. A escrita gestual dos antigos não distingue pensamento e linguagem. Nesse sentido, é possível “falar com hieróglifos”. Vico diz ser necessário buscar as origens e, portanto, o “significar natural”, que identifica na língua muda. Composta de gestos, monossílabos e palavras reais, restos das ações dos primeiros homens de consciência recém-desperta, a língua muda não é desprovida de som, pois “os mudos emitem os sons informes cantando, e os gagos também cantando soltam a língua para pronunciar” (Sammer, 2018, p. 102-103).

Portanto, para concluir, podemos considerar nesta formação das estruturas semióticas das três línguas da teoria histórica viquiana, que seus inícios foram simultâneos, ou seja, ao mesmo tempo, se teve os deuses, heróis e homens, pois, os homens usavam de sua imaginação para fantasiar os deuses, e a partir disso acreditavam ser sua natureza heroica mescla da natureza divina. Então neste mesmo tempo iniciou-se a formação destas três línguas, que se desenvolveram em simultaneidade às letras.

Entretanto, essas três línguas possuem consideráveis diferenças entre si; enquanto a língua dos deuses em sua primitividade foi quase toda muda e muito pouca articulada, isto é, que a linguagem divina fora composta de imagens frente às substâncias animadas mediante as sensações dos corpos e “pouca articulada” no sentido de uma conceituação dos “significados” dos objetos, como acontece numa época em que já ocorre a reflexão filosófica, “Os poetas teólogos foram os sentidos, os filósofos foram o intelecto da sabedoria humana”, diz Vico (*Sn44*, §363; §779).

Quanto a língua dos heróis, mesclava a articulação da fonética e a “mudez” das imagens, vistas nas línguas vulgares e nos caracteres heroicos em que escreviam os heróis, onde Homero escreve *θήματα*. Para a língua dos homens, sua característica principal era de uma língua bem articulada e pouca muda, ou seja, distanciada das imagens, de suas gêneses corpóreas, identificando assim, um valor maior às palavras (*significados*) que aos objetos (*significantes*) que representam essas palavras (*Sn44*, §446).

Todavia, com a consciência do alexandrismo (versos em dodecassílabos), a linguagem da idade dos homens distancia-se de sua origem corpórea e, assim, nasce a filosofia da idade racional. A fala por caracteres convencionados apresenta certa rigidez ao lidar com som e sentido, permitindo poucas variações e recorrendo sempre ao sentido que identifica como próprio. É, portanto, uma fala propícia ao conceito, tal como veiculado e compreendido pelos modernos. Contudo, mesmo essa linguagem mais racional tem origem no senso comum, oriundo de uma metafísica poética, embasada pela percepção do sensível. Assim, ela abarca as línguas muda e simbólica, ainda que delas não usufrua de modo consciente. De todo modo, as metáforas permanecem atuantes na língua vulgar da idade dos homens (Sammer, 2018, p. 107).

Ademais, Vico conclui que em relação à segunda idade, fora necessário para a língua heroica no seu princípio ser desconstruída<sup>21</sup>, e por essa razão, a dificuldade em compreender certas fábulas. O exemplo

---

<sup>21</sup> “Desconstruídas” no sentido de decodificar as fábulas e as metáforas inseridas nelas, de modo que demonstram o caráter antropológico dessa idade heroica, por trás de suas fábulas, metáforas e símbolos. Bem como nos elucida Trabant, acerca dessa decodificação: “Em relação a isso, a segunda língua, que garante as reivindicações de poder, é decisivamente mais ‘pragmática’ no sentido linguístico: os emblemas heroicos dizem de modo drástico: ‘esta ao longe, lá onde há o meu sinal inicia o território sujeito ao meu domínio!’, isto é, eles se voltam ao outro. Por outro lado, porém, para fazer isso, empenham uma notável despesa semântica e figurativa, o que significa que nos ‘símbolos’ a ‘representação’ do herói é ainda claramente em primeiro plano” (Trabant, 2007, p. 50).

acerca deste problema é a fábula de Cadmo, o fenício. Ele mata uma grande serpente, tira-lhe os dentes e os semeia nos campos (põe abaixo a grande selva e torna a terra arável para o cultivo, donde os “dentes”, fora a antiga denominação para as ferramentas de lenho curvo que trabalham o solo para plantio), lança uma enorme pedra (significando as terras não aráveis que os fâmulos queriam para si), das valas nascem homens com armas, onde estes se confrontam até a morte (demonstrando as várias contendas agrárias entre os plebeus e os heróis, que tomam para si o direito aos fundos das terras), e em seguida, Cadmo se transforma em serpente, fazendo surgir assim, os senados aristocráticos, com que os latinos, como anui Vico, disseram *Cadmus fundus factus est* (as terras são de Cadmo ou os territórios são da lei), concordando entre os gregos que Cadmo transformando-se em dragão, escreve as leis com sangue (*Sn44*, §446; §679). Demonstrando assim, a característica dos heróis em atestar seu direito mediante a força.

Simultaneamente à formação do caráter divino na figura de Júpiter, caráter esse que fora o primeiro pensamento dos homens primitivos, paralelamente teve a formação da língua articulada mediante *onomatopeias*. Sendo aos latinos, o caráter divino de Júpiter construído a partir do som de um trovão, que fora denominado por eles como *Ious*; e deste sibilar do raio denominou-se aos gregos *Zeús*. Para os orientais (os povos do oriente médio) o fogo ao crepitar produzia um som que o chamavam *Ur*, que poderia provir de *Urim*, que é a potência do fogo; desta mesma origem aos gregos se tem a denominação do céu, *οὐρανός*, e para os latinos, o verbo *Uro* que significa queimar, e onde da mesma derivação do raio, proveio *Cael*, que significa céu (*Sn44*, §447).

[...] Também em Vico encontramos, portanto, a tese da linguagem originariamente onomatopoeica, porém, como momento de um processo sematogenético mais amplo. Segundo o exemplo que Vico sempre cita, a primeira palavra articulada pronunciada pelos homens é uma imitação onomatopoeica dos temporais. A tal propósito é

interessante notar que, ao contrário de outros teóricos que retenham que esta representatividade originária seja universalmente igual e em tal sentido “natural”, Vico vê desde o início a possibilidade da *diversidade* da imitação. Ele reconhece a realidade evidente, também sempre ignorada, que a representatividade ou iconicidade não coincide com a universalidade: se pode, no entanto, reproduzir o sibilo do relâmpago, estrondo do trovão ou o crepitar do fogo (Trabant, 2007, p. 54).

### Considerações finais

Em suma, o intento do filósofo napolitano acerca de sua reflexão sobre a linguagem, como bem se notou ao longo do texto, era de um empreendimento *crítico*. E essa criticidade estava voltada às reflexões racionalistas que imperavam na modernidade, podendo ser conjecturada aqui, imersa na famosa “Vaidade dos doutos” (*Sn44*, §59; §140).

Com efeito, a sematogênese viquiana, coloca em evidência a desconstrução da linguagem “humana” fônica, arbitrária, convencional, comunicativa, oriunda de palavras, a uma revelação da sua “aparência”; pois, seu fundamento se encontra na história-feita das imagens visíveis, icônicas, naturais e cognitivas, manifestadas nas divinas e heroicas línguas. Com Vico, a semiose soma-se inteiramente ao “escrever” e “cantar” contemporaneamente.

Para finalizar, em sua filosofia da linguagem, o filósofo napolitano se serve do recurso antropológico presente na retórica para encontrar os *lugares* da *locutio*, *vox* e *actio*, fazendo com que haja materialidade no processar *interioridade* e *exterioridade*. Não é em vão que o tão significativo parágrafo (1.045) da *Scienza Nuova*, faz com que a linguagem se ocupe destacadamente da problemática gnosiológica, pois a coloca entre a mente e o corpo<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Cf. Trabant, 2007, p. 58-59.

## Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.
- ARISTÓTELES. *Tópicos*: dos argumentos sofisticos. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. A. Pickard. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- BATTISTINI, Andrea. *Vico tra antichi e moderni*. Bologna: Il Mulino editrice, 2004.
- BERLIN, Isaiah. *Vico e Herder*. Trad. Juan Antônio Gili Sobrinho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- CROCE, Benedetto. *La filosofia di Giambattista Vico*. Seconda edizione revisata. Bari: Laterza, 1922.
- DI CESARE, Donatella. Parola, Logos e Dabar: Linguaggio e Verità Nella Filosofia di Vico. *Bolletino del Centro di Studi Vichiani – Anni XII e XXIII 1992-1993*. Napoli: Bibliopolis Editore, 1993. p. 250-287.
- HOMERO. *Iliada de Homero*. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Editora Arx, 2003.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; ensaio de Italo Calvino. São Paulo: Editora 34, 2014.
- LOMONACO, Fabrizio. Vico e a metafísica de 1710. In: LOMONACO, Fabrizio; GUIDO, Humberto; SILVA E NETO, Sertório Amorim (Orgs.). *Metafísica do gênero humano: natureza e história nas obras de Giambattista Vico*. Uberlândia: EDUFU, 2018. p. 183-210.
- PLATÃO. *Teeteto – Crátilo*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.
- SAMMER, Renata. *Os caracteres poéticos de Giambattista Vico*. São Paulo: Editora Unifesp, 2018.
- TRABANT, Jurgen. *Cenni e Voci: Saggi di sematologia vichiana*. Napoli: Arte Tipografica Editrice, 2007.
- VICO, Giambattista. La Antiquíssima Sabiduría De Los Italianos: Partiendo De Los Orígenes De La Lengua Latina. Trad. Francisco J. Navarro Gomez. *Cuadernos sobre Vico*, Sevilha, v. 11-12, p. 443-483, 1999-2000.
- VICO, Giambattista. *Principi di una Scienza Nuova (1725)*. In: VICO, Giambattista. *Opere Filosofiche*. Testi, versi e note a cura di Paolo Cristofolini. Firenze: Sansoni editore, 1971.

A *linguagem* como forma expressiva da experiência gnosiológica humana no pensamento de Giambattista Vico

VICO, Giambattista. *Princípio de uma ciência nova: Acerca da natureza comum das nações*. Trad. Jorge Vaz de Carvalho. Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

Data de registro: 03/01/2024

Data de aceite: 29/01/2025